

## A TRAJETÓRIA DE UM PROFESSOR NEGRO NA UNIVERSIDADE – QUESTÕES CULTURAIS E CURRÍCULO

Thais Barcelos Dias da **Silva** – UERJ

Rebeca Silva Brandão **Rosa** – UERJ

Simone Gomes da **Costa** – UERJ

Agência Financiadora: CNPq; FAPERJ e UERJ

A pesquisa que se iniciou em agosto de 2008 tem como objetivo principal “debruçar-se” sobre o acervo imagético, localizado em uma pequena sala de uma universidade pública, produzido por um fotógrafo oficial desta universidade.

Primeiramente, o motivo que impulsionou o início desta pesquisa foi conservar e divulgar este acervo, tendo em vista que poucas pessoas têm conhecimento deste e, ainda, pelo fato do seu único responsável estar se afastando da universidade devido a sua aposentadoria. O acervo não se encontrava em condições viáveis para pesquisa, desta forma, um dos primeiros objetivos deste projeto, foi que essas imagens fossem reveladas, organizadas, digitalizadas e incorporadas ao banco de imagens de um laboratório desta mesma universidade, que está envolvido a esta pesquisa, para que, assim, estas fotografias possam estar disponíveis para outras futuras pesquisas preocupadas com a história desta universidade.

Outra preocupação é trazer esse acervo como fonte de pesquisa para nós mesmos, estudantes, professores da instituição e demais pesquisadores e que, através dele, possamos levantar questões sobre as diferentes histórias ocorridas nos diferentes *espaçotempos*<sup>1</sup> da instituição.

Analisando as imagens dos catálogos, a forma como os negros e negras aparecem<sup>2</sup> neste acervo, principalmente nos primeiros catálogos, estava na grande maioria relacionada a eventos musicais e esportivos. Entretanto, uma pessoa nos chamou a atenção, um homem negro que aparece muitas vezes em destaque nos eventos importantes para a universidade, invertendo assim a “lógica” na aparição de negros e negras neste acervo. Desta forma, surgiu o nosso interesse em pesquisar a trajetória deste personagem, a qual é o tema deste texto.

---

<sup>1</sup> Este modo de escrever e outros termos – *espaçotempos*, *ensinoaprendizagem*, *prácticateoriaprática* - tem a ver com a necessidade que sentimos, nas pesquisas *nos/dos/com os cotidianos* que desenvolvemos, em mostrar os limites e dicotomias herdados do modo de criar conhecimento próprio da ciência moderna.

<sup>2</sup> Como trabalhamos com imagens, o critério utilizado para definição dos negros/negras foram apenas visuais, através do seu biótipo. Tendo em vista que não tivemos contato com as pessoas retratadas. No entanto, sabemos que esses critérios não são os únicos e nem um dos melhores para definir o que é ser negro/negra.

Através da legenda deste catálogo, pudemos identificar seu nome, que era professor da universidade, bem como foi representante do conselho universitário e do conselho superior de ensino e pesquisa do Centro de Educação e Humanidades daquela universidade no período de 1971 a 1977 e 1979 a 1981, respectivamente.

Com isso, iniciamos nossas pesquisas na tentativa de narrar um pouco da trajetória deste professor. Porém, apesar de várias tentativas e idas a diferentes espaços da universidade, só obtivemos dados de um curto período de sua vida profissional— e que corresponde à década de setenta, período na qual exerceu um cargo importante, de diretor da Faculdade de Educação. Excetuando-se os documentos que obtivemos deste período, outro registro que marca a sua presença é seu nome ter sido atribuído à biblioteca da Faculdade de Educação. Além disso, a placa datada de 02 de maio de 1987, homenageia os 50 anos de magistério deste professor, o que evidencia e afirma a importância dele para a faculdade e seu sucesso em sua trajetória profissional.

Não tivemos referências de que ele tenha sido engajado em assuntos relacionados às questões raciais. Entretanto, sua posição no meio acadêmico já atua como uma quebra de paradigma, já que na época referida o acesso à universidade, em grande maioria, era possível apenas para uma elite predominantemente branca.

Uma autora que escreve sobre as questões raciais dando enfoque aos professores universitários negros na qual vamos nos basear é SANTOS (2006). Ela nos aponta para a reflexão de que *para o negro galgar a posição de professor universitário é uma grande conquista, mas também é um grande desafio pra se manter na posição.* (p.169)

Segundo SILVA JR (2002), durante um certo período, quando o assunto da discriminação no trabalho veio à tona, tanto o Movimento Negro quanto os estudiosos acreditavam que a pessoa negra se confrontaria com a discriminação quando ingressasse no mercado de trabalho. Entretanto, através de estudos percebeu-se que a trajetória escolar da criança negra é marcada por uma discriminação. Tentando esconder essa desigualdade racial, muitos afirmavam que o aspecto racial nada tinha a ver com a falta de escolaridade e que esta seria marcada apenas pelo fator econômico. Porém, dentro dessa afirmativa o autor faz uma consideração de extrema importância:

óbvio que a parcela da população com renda abaixo desta faixa (dois salários mínimos) era composta por boa parte do contingente negro da população. Entretanto, se os aspectos econômicos alteravam trajetórias, uma outra pergunta se colocava: para os que se encontravam na mesma faixa de possibilidades de permanência, qual o fator de diferenciação de trajetória?(p. 28).

Desta forma, podemos afirmar que ascender socialmente garantindo uma posição de professor de Ensino Superior não é uma tarefa fácil e muitas das vezes por ele estar nesta posição, ele pode ser visto como se estivesse “embranquecendo-se”, então, além de manter sua qualificação profissional, ele tem que se auto-afirmar enquanto negro.

Por isso, como já mencionamos, apesar de não existir nenhuma evidência que comprove o envolvimento deste professor nas questões raciais, a sua presença na universidade numa posição social em que, majoritariamente, é ocupada por brancos, além de trazer a questão para dentro da universidade, é conquistada e mantida por ele com muita dedicação. SANTOS (2006) nos diz quanto ao esforço do profissional negro na seguinte citação:

como profissionais, reconhecem que precisam manter o padrão como melhores, competentes e capazes, porque senão serão excluídos do grupo de professores, e afirmam, cada um a seu modo, que são o tempo todo colocados em “xeque” e que, por isso, precisam estar no mesmo nível, e muitas vezes, até à frente dos seus colegas de profissão, garantindo de alguma forma a permanência no magistério superior (pág. 181-182)

Os dados que até agora obtivemos apontam que este professor teve uma carreira importante na universidade. São eles: chegou ao cargo de diretor de uma Faculdade de Educação, onde, durante sua gestão, foi inaugurado um curso de complementação pedagógica para outras licenciaturas<sup>3</sup>, o que demonstra a abertura de um curso tido como referencial pedagógico naquele momento, além de, como citamos anteriormente, ter sido representante do Conselho Universitário e do Conselho Superior de Ensino e pesquisa do Centro de Educação e Humanidades da universidade.

Pensamos que a presença deste professor e de outros professores negros – mesmo que não trabalhem diretamente com a questão racial – trazem para dentro do contexto acadêmico esta questão mesmo que de forma implícita, pois estes indivíduos trazem redes de conhecimentos<sup>4</sup> que o espaço da universidade tem “invisibilizado” por muito tempo, pois entendemos que concomitantemente ao currículo oficial, que só

---

<sup>3</sup> Segundo o órgão coordenador de programas para preservação da memória institucional e disseminação de informações desta universidade.

<sup>4</sup> Segundo ALVES (2006), *o conhecimento era criado de modo linear, hierarquizando e selecionando ao priori, fazia com que não houvesse espaços para os conhecimentos cotidianos ou simplesmente esses eram admitidos, mas para serem superados pelos conhecimentos “nobres”, aqueles criados pelos processos ditos científicos* (p.7).

agora veio contemplar a questão étnico racial com a Lei 10.639/03 (modificada pela a Lei 11.645/08, para que assim incluindo nos currículos oficiais da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”), existe um *currículo praticado* (OLIVEIRA, 2003), que não descarta os oficiais. Segundo esta autora, o currículo não deve ser entendido

apenas como uma lista de conteúdos a serem ministrados a determinado grupo de sujeitos, mas como criação cotidiana daqueles que fazem as escolas (neste caso, universidades) e como prática que envolve todos os saberes e processos interativos do trabalho pedagógico realizados por alunos e professores (OLIVEIRA, 2004, p. 9).

Então, pensar em *currículos praticados* é pensar que o currículo é tecido com a contribuição de cada indivíduo que por si só constitui os seus próprios currículos, tecendo-os nos seus cotidianos, não se limitando assim apenas aos espaços formais de ensino.

Hoje já temos diversos professores pesquisadores conceituados, que desenvolvem suas pesquisas sobre as questões étnico-raciais. Entretanto, como nos aponta SANTOS (2006), mesmo ascendendo profissional e socialmente esses professores continuam enfrentando a discriminação, já que o preconceito no Brasil se dá a partir da pigmentação da pele, pelo tipo de cabelo e traços corporais.

O encontro com a imagem desse professor no acervo fotográfico desta universidade nos leva a acreditar que ele tenha desempenhado uma influência em sua época. Contudo, enquanto pesquisadora no que tange as questões raciais, nos levou a buscar referências teóricas que discutissem esse tema, para que pudéssemos, então, melhor entender o que é ser um professor negro universitário na década de 1970 – e também atualmente – e qual o papel que estes desempenham na sociedade. Além disso, percebemos que a presença de professores negros no meio acadêmico foi fundamental para trazer discussões para este *espaçotempo*, entre outras questões, como a de se (re)pensar os currículos oficiais e os praticados.

## Referências Bibliográficas

ALVES, Nilda; PASSOS, Mailsa; SGARBI, Paulo. *Muros e redes conversando sobre escola e cultura*. Porto: Profeições: 2006.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. As Artes do Currículo. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa (org.) *Alternativas emancipatórias em currículo*. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. *Currículos praticados: entre a regulação e a emancipação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SANTOS, Tereza Josefa Cruz dos. Professores universitários negros: uma conquista e um desafio a permanecer na posição conquistada. In: OLIVEIRA, Iolanda de (org.). *Cor e Magistério*. Rio de Janeiro: Quartet; Niterói: EDUFF, 2006.

SILVA JR, Hédio. *A Discriminação racial nas escolas: entre a lei e as práticas sociais*. Brasília: UNESCO, 2002.